

# MAEDS - Trabalhos Arqueológicos

## novas estratigrafias para a história de Setúbal

por Joaquina Soares

### Nota prévia

Das intervenções arqueológicas realizadas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal em 2001-02, trataremos somente das sondagens de emergência efectuadas no lote urbano onde se situou o edifício da Vinícola e hoje se localiza a loja Benetton, na Praça de Bocage/Rua de Bocage/Rua Augusto Cardoso. Não serão, pois, considerados os trabalhos efectuados em Chibanes (Palmela) e na área urbana de Sines.

Aquela intervenção foi determinada pela renovação do referido lote e consistiu na abertura de quatro sondagens a que corresponde uma superfície de 38 m<sup>2</sup> e a profundidade máxima de cerca de 4 m.

A possibilidade de proceder a escavações arqueológicas nesta área foi saudada com entusiasmo pela equipa do MAEDS que desta forma pôde recolher informação crucial para o modelo dinâmico de reconstituição paleogeográfica das preexistências de Setúbal (TAVARES DA SILVA 1990). Com efeito, o referido lote urbano localiza-se na interface das unidades geomorfológicas – restinga/pântano – que, instaladas na Época Romana e evidentes até ao final da Idade Média/inícios da Idade Moderna, condicionaram fortemente as sucessivas morfologias urbanas. A localização desse lote no flanco Norte da extremidade livre da restinga permitiu-nos delimitar com precisão métrica a fronteira entre a área arenosa e habitável e a zona húmida, pantanosa, colonizada por sapais, parcialmente explorada por marinhas e que ocupou até aos finais da Idade Média a metade Norte da actual Praça de Bocage, estendendo-se até ao Campo do Bonfim.

Os trabalhos arqueológicos foram dirigidos, especialmente, para a análise estratigráfica, a qual revelou duas realidades completamente distintas, separadas entre si somente por cerca de uma dezena de metros: a Rua Augusto Cardoso assenta sobre a antiga restinga e a Rua de Bocage, sobre

antigos sapais; a metade Sul do lote tem como substrato geológico areias fluvio-marinhas e a metade Norte argilas. À diferenciação geomorfológica correspondem, como veremos, percursos históricos dissemelhantes, que se aproximam e fundem no momento da construção do edifício da Vinícola.

Da equipa técnica, co-dirigida pela signatária e pelo arqueólogo Carlos Tavares da Silva, fizeram parte a arqueóloga Susana Nunes Duarte e os técnicos de arqueologia António Júlio dos Santos Costa e Jorge Domingos Costa, do MAEDS, e os Profs. Maria da Conceição Freitas e César Andrade, do Departamento de Geologia da Fac. de Ciências de Lisboa. As datas radiométricas foram determinadas pelo Beta Analytic Inc.

### Estratigrafias e Fases da História Local

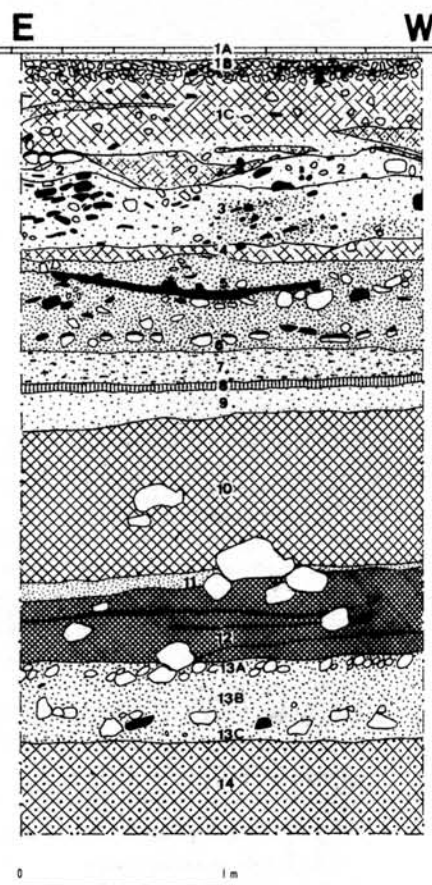
As estratigrafias obtidas, especialmente as das Sondagens II (zona Norte) e IV (zona Sul) (Figs. 1 e 2), permitiram traçar o seguinte quadro evolutivo:

I – Anteriormente à ocupação humana do local, depositaram-se argilas cinzentas, muito compactas, escavadas em uma espessura de 0,46 m. Correspondem à camada (C.) 14 da Sondagem (S.) II; são arqueologicamente estéreis e datam de um período anterior à Época Romana, quando a baía de Setúbal se prolongaria para Norte, até ao actual Estádio do Bonfim. Na colina de Santa Maria fundava-se o primeiro povoado estável, nos fins do século VIII a.C. A Península de Tróia ainda não existia, podendo estar em formação bancos de areia, mais ou menos extensos. Duas datas radiocarbónicas (BETA 163593 163594) obtidas a partir de conchas de moluscos de fácies marinha recolhidas sob a sequência das areias eólicas de Tróia, imediatamente a Sudeste da jazida romana, mostram que a península não existia no séc. VIII a.C.

II – Uma restinga começa a formar-se, na confluência da corrente de vazante do Sado com a Ribeira do Li-

vramento, ancorada na colina de Santa Maria e de direcção E-W. Em frente, a Sul, avistava-se a ilha de Achale. Os romanos colonizavam plenamente toda a região. Os sedimentos depositados na actual Rua de Bocage eram agora mais grosseiros, próprios de fundos baixos. A extremidade livre da restinga ficaria no lote escavado. A metade Norte do mesmo lote encontrava-se exposta a influências oceânicas. Aí se depositaram areias fluvio-marinhas (C.13 da S.II, com 0,45 m de espessura) que continham algumas conchas de moluscos marino-estuarinos, blocos angulosos resultantes da destruição de estruturas e cerâmica romana rolada, do séc. I (bordo de ânfora Dressel 14). A povoação romana situar-se-ia nas proximidades imediatas. Na metade Sul do lote, em processo de emersão, foram recolhidos materiais romanos e detritos domésticos (carvões e restos faunísticos); não se registaram vestígios de ocupação *in situ* (C.11 da S.IV).

III – Prossegue o desenvolvimento da restinga para Oeste. A Norte desta e ao abrigo de hidrodinamismo, a sedimentação é progressivamente mais calma e faz-se em meio cada vez mais reductor. De facto, na metade Norte do lote, depositam-se sedimentos areno-argilosos acinzentados (Cs.11 e 12 da S.II, com cerca de 0,50 m de espessura, arqueologicamente estéreis). O final deste episódio foi datado, por AMS, através de uma amostra de solo recolhida na transição da C.10 para a C.11 da S.II (BETA 160005): 1200 ± 60 BP; calibrada a 2 sigma, obteve-se um intervalo que vai desde o final do século VII até ao último quartel do século X (680 a 980 cal AD). A intercepção da idade radiocarbónica com a curva de calibração ocorre em três pontos, todos do século IX (810, 840 e 860 cal AD). Na



↑ Figura 1

Área urbana de Setúbal. Edifício da Vinícola. Sondagem II. Perfil estratigráfico Sul.

metade Sul do lote, existe então uma praia de areias fluvio-marinhas, actualizadas por retoque eólico. Nos séculos XII-XIII, no período almoada, registam-se as primeiras estruturas de *habitat*: fossa de detritos domésticos (Figs. 2 e 3), escavada nas areias da praia, numa profundidade de 0,54 m (C.10B da S.IV). O povoamento, eventualmente sazonal, deveria ser disperso, sob a forma de cabanas. Era praticada, localmente, a viticultura (SOARES 2000).

IV – A metade Norte do lote, cada vez mais isolada das influências oceânicas, ao abrigo da restinga, transforma-se em uma extensa zona húmida, com sapais, pantanosa e insalubre, atravessada pela Ribeira do Livramento. A povoação de Setúbal do século XIV estendia-se até às suas margens e aí despejava lixos domésticos. Esta fase corresponde à C.10 da S.II, constituída por lodos cinzento-esverdeados, muito plásticos, com restos de turfa, restos faunísticos, materiais cerâmicos do século XIV (Fig. 3). Espessura máxima, 0,76 m. A metade Sul do lote, emersa e arenosa (C.10A

da S.IV), forneceu orifícios de poste de cabanas e silos escavados nas areias da praia, mas revestidos de argila, facto que sugere uma localização no interior de cabanas.

V – O sapal da metade Norte do lote é colmatado e transformado em solo urbano (Cs.9-7 da S.II). As primeiras construções de alvenaria datam do século XV. Na metade Sul do lote (Cs.9-6 da S.IV) foi edificado um imóvel, em que se utilizaram blocos de calcário ligados por argamassa de cal e areia; as paredes eram inteiramente rebocadas; os pisos, de argila compactada, por vezes argamassada. Não muito longe do local das escavações, na área do actual Largo do Convento de Jesus, ainda existiriam marinhas no século XV (TAVARES DA SILVA e PEREIRA 1989). O edifício do século XV, muito afectado provavelmente pelo sismo de 1531 (Cs. 5A e 5B, da S.IV), sofre várias reparações e repavimentações, permanecendo em funcionamento até ao terceiro quartel do séc. XVII, altura em que é destruído por incêndio (C.3 da S.IV).

VI – Nos finais do século XVII todo o lote é reedificado. A matriz geomorfológica do sítio – restinga/sapal – fica definitivamente oculta no subsolo urbano. O alicerce do novo imóvel vai assentar (na metade Sul do lote) sobre os muros do edifício construído no século XV e manter a orientação daqueles; reutiliza cantarias de estilo manuelino. Na metade Norte do lote, surgem as primeiras estruturas arquitectónicas (C.4 da S.II). As marcas do sismo de 1755 foram detectadas (C.2B da S.II). O imóvel sofre reparações (C.2A da S.II). Nos finais do século XIX/inícios do século XX as estruturas arquitecturais da fase barroca são definitivamente substituídas pela construção de um imóvel de fachadas azulejadas, destinado a albergar, no r/c, a Vinícola (C.1), com as suas características tinas de vinho e atmosfera de convívio própria de genuína taberna setubalense que a memória oral acrescenta ao registo arqueológico.

A intervenção arqueológica integrada no processo de renovação deste imóvel, em que se mantiveram as

paredes exteriores, foi muito condicionada pelas fortes medidas de segurança implementadas, tendo-se desenvolvido uma intervenção restrita, mas também “cirúrgica”, que beneficiou das vantagens de se enquadrar em uma Arqueologia Urbana de Projecto, a que o MAEDS se dedica desde 1975.

### Sumário das principais contribuições para o estudo das preexistências de Setúbal

Muito sucintamente, as novas contribuições desta intervenção arqueológica de emergência podem enunciar-se da seguinte forma:

– Confirmação da existência em período pré-romano de um braço de mar que abrangia grande parte da actual baixa de Setúbal.

– Confirmação da subsequente constituição de uma restinga onde irá assentar o núcleo fabril da cidade romana e que irá proporcionar o desenvolvimento de uma zona húmida e pantanosa, a montante.

– Descoberta das primeiras estruturas domésticas atribuíveis ao período muçulmano, as quais documentam uma ocupação pouco estável.

– Permanência, ainda no século XIV, da matriz restinga/pântano, atingindo a povoação a margem deste.

– Colmatagem da área pantanosa e sua urbanização a partir do século XV.

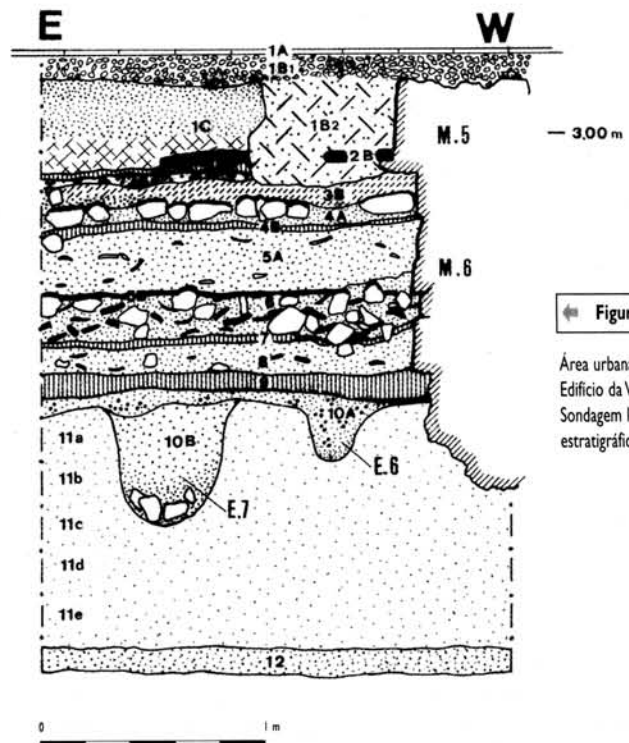


Figura 2  
Área urbana de Setúbal. Edifício da Vinícola. Sondagem IV. Perfil estratigráfico Sul.

### Referências

- SOARES, J. (2000) – “Arqueologia Urbana em Setúbal: problemas e contribuições”. In *Actas do Encontro Sobre Arqueologia da Arrábida (Trabalhos de Arqueologia, 14)*. Lisboa: IPA, pp. 101-130.
- TAVARES DA SILVA, C. (1990) – “Arqueologia de Setúbal. Para o conhecimento das origens da cidade”. *Setúbal na História*. Setúbal: Edições LASA, pp. 105-122.
- TAVARES DA SILVA, C. e PEREIRA, A. B. (1989) – *Convento de Jesus, 500 anos. Arqueologia e História. Setúbal*: C. Municipal de Setúbal.

### Figura 3

- Área urbana de Setúbal. Edifício da Vinícola. Cerâmicas do período almoada (n.ºs 1-3), do século XIV (n.ºs 4-6) e dos séculos XV-XVII:
- 7 e 8. Pratos em cerâmica comum, com o interior engobado (séc. XV);
9. Testo com bordo biselado (séc. XV);
10. Prato esmaltado a branco (séc. XVI);
11. Prato com decoração a corda seca, importado de Sevilha (séc. XVI);
12. Púcaro em cerâmica comum (transição para o séc. XVII).

